

COTIDIANO DE MULHERES POBRES: Pobreza e violência nos Sertões do Cariri cearense na segunda metade do século XIX

Ravenna Rodrigues Cardoso¹

RESUMO:

O trabalho em tela é fruto de uma pesquisa mais ampla, e busca investigar as mulheres pobres livres e a pobreza no Sertão do Cariri Cearense, tendo como recorte temporal a segunda metade do século XIX, nosso intento foi interligar os aspectos da violência sofrida ou praticadas contra e pelas mulheres as questões da propriedade privada, além de nos ocuparmos em analisar o discurso sobre os pobres e a pobreza. Utilizaremos como fonte os processos-judiciais disponibilizado para pesquisa no Centro de Documentação do Cariri-CEDOCC. Também se constituirá como fonte os periódicos da época No periódico O Araripe procuraremos evidenciar como foram construídos os discursos e as representações sobre os pobres e a pobreza na região dos Sertões do o Cariri cearense.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Cotidiano, Pobreza, Violências, Sertões.

THE DAILY LIFE OF POOR WOMEN: poverty and violence in the hinterlands
of Cariri, Ceará, in the second half of the 19th century

ABSTRACT:

This work is the result of a broader research project, which seeks to investigate poor free women and poverty in the Cariri Sertão region of Ceará, focusing on the second half of the 19th century. Our intention was to link the aspects of violence suffered or practiced against and by women to issues of private property, as well as analyzing the discourse on the poor and poverty. We will use as a source the court cases made available for research at the Cariri Documentation Center (CEDOCC). The periodicals of the time will also be used as sources. In the periodical O Araripe, we will try to show how discourses and representations about the poor and poverty were constructed in the Sertões region of Cariri, Ceará.

KEYWORDS: Women, Everyday life, Poverty, Violence, Sertões.

¹ Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Mestra em História pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Doutoranda em História pela Universidade Federal do Ceará-UFC. E-mail: ravennacardoso@alu.ufc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0897487604302309>. Pesquisa Financiada pela CAPES.

Introdução

O sertão do Cariri é uma região que é situada no extremo sul do Estado do Ceará. Atualmente é denominada de região metropolitana do Cariri, contando com mais de vinte municípios, sendo que destes os principais são os do CRAJUBAR, a saber; Crato, Juazeiro e Barbalha. É importante elucidar sobre o conceito de Sertão, que não deve ser visto como um todo homogêneo e que é, antes de tudo, uma construção. Neves e Cândido explicam que a palavra sertão possuem inúmeros significados, porém cabe nos atentarmos para sua colocação no sentido que “o sertão é o outro, a sua negação, o seu reverso, assim, o sertão era o espaço do cangaço, tanto quanto, em sua perspectiva idealizada, o espaço da defesa da honra e da formação de homens fortes e íntegros...” (2017.p.5). Não podemos deixar de atribuir um certo ideal de masculinidade que permeia as relações de gênero nos sertões a esse ideal de homem que habita esse espaço, como posto por Neves e Cândido “fortes”, sendo que essa força e consequentemente virilidade deixam marcar de violências tanto para o homem sertanejo, cuja idealização requer virilidade, como para as relações cotidianas no geral, onde por vezes é necessário mostrar essa masculinidade. A região é conhecida como o “oásis do sertão” devido a produção discursiva de intelectuais, políticos e tantos outros sujeitos que narraram e narram este espaço como sendo dotada de “diferenças” se comparadas aos outros sertões do Estado.

É neste recorte espacial que se encontra o nosso objeto de estudo, que são as mulheres pobres livres dessa região e, de forma secundaria, mas não menos importante os discursos sobre o pobre e a pobreza. A pobreza é, em primeiro lugar reconhecida pela destituição material, embora não seja sua única expressão, porém se apresenta em sua universalidade no mundo capitalista, ela pode ser lida na relação que se estabelece entre o mundo do trabalho e o capitalismo. A pobreza é permeada por noções que se compõe de realidades sociais intrincadas e dinâmicas que segundo

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Mollat, (1989) torna difícil a apreensão das relações entre conceito e as situações vividas, porém as mesmas são relativizadas, através de suas ambiguidades, pois não devemos falar em “uma pobreza” em dado período, mas sim em “pobrezas”.

O trabalho em tela está elaborado em dois momentos, sendo que no primeiro apresentamos discursos sobre o pobre e a pobreza tendo como fonte o periódico *O Araripe*. Tentamos mostrar como o jornal difundia tal questão, bem como por vezes apresentava opiniões sobre a conduta feminina. No segundo momento utilizamos um processo crime de lesão corporal, que foi motivado por danos em uma propriedade, envolvendo inclusive propriedades distintas, a terra do roçado e a plantação do mesmo e os animais de criação. Ainda nesse tópico também apontamos questões de violências envolvendo escravizados- que como é sabido, fora considerado legalmente propriedade por longos anos no Brasil-. Reforçamos novamente que a pesquisa se encontra em fase embrionária, tendo muito caminho a ser trilhado, e a pesquisa em tela é uma parcial do que pretendemos ver, com outras questões.

“Attesto-lhe, que em todo o Brasil não há um torraõ de gente mais pobre do que este do município”: o discurso sobre o pobre e a pobreza no jornal do Araripe.

A região dos sertões do Cariri Cearense fica situada no extremo sul do Estado, distante da capital Fortaleza mais de 500 km. A região supracitada foi se constituindo ao longo do tempo com contornos específicos no âmbito discursivo por diferentes sujeitos sociais. Um dos que mais se sobressaem é o da região como um “oásis do sertão”, que foi sendo construída ao longo do tempo na citada região por sujeitos específicos que estavam ligados ou eram da classe senhorial da localidade, além disso, nos relatos de viajantes, escritores, periódicos locais o município estava posicionado em uma região considerada privilegiada naturalmente por encontrar-se em um solo considerado fértil, devido aos recursos hídricos que nele estavam presentes (Reis Junior, p.32, 2014).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Essa especificidade é usada como um marco espacial que a torna “especial”. Apesar de estar situada no sertão, ela possui características menos comuns a um espaço sertanejo, devido a suas fontes e vegetação. O historiador Darlan de Oliveira Reis Júnior explica que:

A busca pela identidade da região como diferenciada e beneficiada pela generosidade da natureza cumpriu um importante papel no desenvolvimento das relações sociais, no decorrer da segunda metade do século XIX. Fez parte de uma representação que tentou ser divulgada como característica do conjunto da população, como se nela houvesse um sentimento caririense inato, que precisava ser rememorado e comemorado. Além do orgulho em ser caririense, a reverência a um suposto passado glorioso contribuiria, segundo determinada concepção, para o desenvolvimento regional (2014, p. 31).

Isto posto, refletiremos como os usos desses discursos foram utilizados para forjar uma identidade para o Cariri Cearense. Por outro lado, isso acabou se refletindo nas relações sociais, bem como nos estigmas que foram construídos para designar aqueles que não detinham a posse da terra e nem dos recursos da desta, bem como os sujeitos que não tinham trabalho nos sertões do Cariri. Sobre o conceito de sertão faz-se necessário que o expliquemos minimamente.

Para Antônio Carlos Robert Moraes os sertões são mais que vastos espaços recém conquistados e sobre os quais pouco se sabiam à época desta conquista, com isso se caracterizariam por muito tempo discursivamente. No âmbito da historiografia estava posto como extensões territoriais de “domínio incompleto”, que se distanciavam do espaço litorâneo. Definir esses sertões representava um processo cujo ponto referencial era o homem do litoral, o conquistador. Essa definição foi corriqueira para os homens oitocentistas e perpetuada *a posteriori*, porém é importante lembrar que essa pouco se fundamenta como características a todos sertanejos, pois são os sertões um todo contínuo e heterogêneo (Moraes, 2003). Portanto, os espaços e territórios que se compreende como Sertões seria esse

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

“outro geográfico”, o lugar distante, o lugar vazio que no olhar do conquistador estava ali para ser desbravado.

No que se refere a pobreza as questões acerca dessa noção assumem contornos e representações distintas no percurso do tempo, oscilando no âmbito social e acompanhando as ideias das épocas e os diferentes níveis culturais e desenvolvimento econômico para Michel Mollat (1989), em sua obra “os pobres na idade média”, ele aponta que na esfera individual existem diferenças relacionadas a posição e ao meio em que está inserida.

Seguindo essa mesma perspectiva as descrições sobre o pobre e sua condição devem ser amplas, pois de acordo com Mollat (1989) o pobre é aquele que, de modo permanente ou temporário, encontra-se em situação de debilidade, dependência e humilhação. Para ele “a pobreza designa inicialmente a qualidade, depois a condição de uma pessoa de qualquer estado social atingida por uma carência”. (1989, p. 2)

Ao nos debruçarmos sobre a temática e o problema da pobreza é importante o indicativo de a qual pobreza nos referimos, destaca-se dessa forma a relatividade da pobreza. Mollat (1989) distingue pelo menos três limites, sendo estes: o biológico, quando não se possui condições mínimas de saúde e de sobrevivência. O econômico, assentado nas possibilidades de abastecimento, relacionado com a troca, com a compra e com o valor real da moeda e o sociológico, que cria a desclassificação digna de ser humano, que tende neste caso a marginalização. Portanto, é importante refletir sobre a pobreza em um determinado recorte espacial, bem como em uma temporalidade historicamente localizada, incluindo vários aspectos da localidade e do próprio tipo de pobreza.

Um dos tipos de fontes que nos forneceram dados sobre como a pobreza foi retratada são os periódicos, e nesse trabalho em específico nos limitamos a passagens do Jornal O Araripe, que circulou a partir de 1855, mais precisamente

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sendo sua primeira edição em sete de julho de 1855. O referido jornal retratava ideias liberais- e era dominada por membros do partido liberal-, além de retratar as ideias liberais ele trazia também assuntos como os costumes e dados estatísticos da região do Cariri Cearense. Suas edições eram lançadas aos sábados. Em seu primeiro número de circulação na região O Araripe se apresenta tendo como missão ser “destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observância da Lei, e interesses locais. A redação é responsável pelos seus artigos, todos os mais, para serem publicados deverão vir legalizado” (1855, edição 1, p.1).

No que tange a um aspecto de nossa proposta, que é analisar o discurso acerca do pobre e da pobreza no referido periódico- enquadrando as mulheres pobres- trataremos da seguinte matéria que foi veiculada no jornal, nos idos de 22 de julho de 1856 e atestava que:

atesto-lhe, que em todo o Brasil não há um torraõ de gente mais pobre do que este do municipio desta cidade: atesto-lhe também, que todos sabem, o quanto é elle fertil; e o quanto ajuda ao homem laborioso, que se aplica com deligencia ao trabalho. E qual será a causa principal de tanta pobreza? quanto a mim é unicamente a viciosa preguiça; e nisto V.m ha de concordar comigo em genero, numero e caso.(...)a muito poderosa Senhora D Preguiça, - que semelhante ao cancro monstro, que nascendo na cabeça, tem comido todo o corpo até os peis. E qual o medico que será capas de curar tamanha doença, e com que remedio?Eu respondo já; este medico, he hum governo forte no Cariry; e o remedio he huma policia activa, que fasendo destruir o mal, apparecerá o bem: o mal he a suma pobreza, em que está afogado o Cariry, gerada da preguiça; e o bem he a riqueza, que proverá com a destruição d'aquelle (O Araripe,1856, p.3) (grifos meus)

O articulista do referido periódico alegava que seria a cidade “a mais pobre” de todo o Brasil, essa declaração certamente estava baseada em boa medida na sua “exaltação” ao falar sobre a questão da pobreza, preguiça e do trabalho na região do Cariri frente às potencialidades que a região apresenta. Ao ressaltar, como tantos outros de sua época- e não apenas dela- a riqueza natural da região o problema da pobreza recai na preguiça, dado que a terra é atestada como fértil, podendo ser

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

entendido como uma dádiva e, mesmo com isso não estaria sendo trabalhada para a prosperidade, o que não é levado em conta nesse, assim como em outros discursos é que a maioria da população não tinha posse da terra-nem propriedades grandes-, e sim que poucas pessoas da classe senhorial que a detinham e estavam mais interessados na subordinação via trabalho para essas pessoas que estão sendo postos nos discursos do periódico como preguiçosos e, conseqüentemente culpados pela pobreza de uma terra com “potencial de prosperidade”.

É notório na matéria que a culpa de tal miséria é do pobre que foge da labuta acometido pela “viciosa preguiça”. Mas é preciso que entendamos que esse discurso não está isolado no tempo e no espaço, tampouco foi inventado pelo articulista.

Esse tipo de discurso era feito de parte da sociedade que tinha interesse na força de trabalho dos homens e mulheres pobres livres, mais especificamente da classe senhorial, como aponta Darlan de Oliveira Reis Junior (Reis Junior, p. 354, 2016) a percepção sobre a fuga ou do “pouco” trabalho estava presente nas observações do início do século XIX. E se manteriam por todo aquele século e o seguinte. Portanto essa não era uma exclusividade da segunda metade do século XIX, tampouco apenas destes periódicos. O autor segue questionando a respeito disto é que “O que a classe senhorial não queria explicar era o fato de que, se a população era “vadia”, como explicar que conseguia sobreviver? (Reis Junior, p. 354, 2016)

Como posto acima, as preocupações com a ociosidade e com o pouco trabalho remontam a antes da segunda metade do século XIX, recorte que estamos tratando, pois como apontado pelo historiador esse discurso se prolonga até a segunda metade e até além dela. Como bem colocado pelo autor apesar de ser considerada “vadia” por membros da classe senhorial esta mesma classe não conseguia justificar como essas pessoas sobreviviam, e isso provavelmente os

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

incomodava. Em outra matéria do periódico, intitulada “O bom homem Ricardo” encontramos o seguinte;

Envergonhai-vos de vos achardes na ociosidade quando tendes tanto a faser abem de vos mesmo, de vossa família e de vossa patria. Levantai-vos pois, de madrugada para que o sol olhando para a terra nao possa dizer: eis ahi um covarde que dorme (...)Porque, como diz o bom homem Ricardo; **a preguiça gera cuidados e o descanso sem necessidade produz desgosto.** Muita gente quisera viver sem trabalhar, mas não o consegue por falta de fundos. Pelo contrário **o trabalho tras consigo contentamento, abundancia e consideração. O praser corre atrás daquele que fogem dele, nunca falta camisa a fiadeira cuidadosa.** Depois que tenho vacas e ovelhas todos me faser cumprimentos, diz muito bem e o bom homem Ricardo. Mas, alem do amor ao trabalho é mister resolução e cuidado constante. Cumpre ver com os proprios olhos as cousas que interessao e não confiar demasiado nos outros, porque como diz o bom homem Ricardo, nunca vi que as famílias e as arvores que se mutao e transplantao muitas veses, prosperem tanto como as que são estaveis. (...) **se quereis que vosso negocio tenha bom êxito, tractai-o vòs mesmo. Se quereis que nao se faça, encomendai-o a outro. Para que a lavoura prospere é preciso que o mesmo lavrador dirija a sua charrua.** Os olhos do amo fasem mais do que ambas

as suas mãos. Nao vigiar os operarios, é por a bolça a sua disposição (O Araripe, 1857, p.4) (grifos meus).

Nessa matéria o foco difere um pouco da primeira que tratamos, visto que a primeira além de outros elementos ressalta as qualidades da região. Nesta a preocupação também está na ociosidade, mas com requintes de “conselhos”.

A vergonha é posta como um sentimento para que se tenha sobre a preguiça, ao mesmo tempo em que mostra como o labor proverá respeito e admiração. Em todos os casos o que podemos notar é a constante tentativa dos articulistas em condenar a ociosidade, a preguiça e a mendicância. Vale ressaltar que sobre esses aspectos o autor Michel Mollat, em sua obra cita que existem uma certa ambivalência entre a caridade e a condenação da mendicância, pois a Igreja Católica encarava a caridade como virtude, sendo uma obrigação moral ajudar os

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

necessitados. Essa caridade era valorizada e até incentivada em comunidades religiosas.

Porém, vale lembrar que estamos nos referindo ao contexto do Brasil e, mais especificamente dos sertões do Cariri em um período que ainda vigorava a escravidão e, além disto, o contexto da localidade passava por estiagens periódicas. O que queremos apontar com isto é que esse discurso partia daqueles que tinham interesse na mão de obra livre e escravizada, esta última tem suas especificidades quanto às práticas de trabalho forçado uma vez que eram propriedade senhorial assim como as terras, mas os pobres livres não necessariamente eram obrigados a servir, e isso incomodava, pois muitos preferiam viver de suas pequenas plantações e não ser subordinado a um senhor. Dentro dessa dinâmica surge um outro ponto que quero abordar, que são os conflitos envolvendo roçados e animais de criação entre a população local e, como isso resultava em querelas na justiça. Uma fonte crucial para a analisar e refletir acerca das existências de mulheres pobres livres no século XIX são os processos criminais, segundo Allyson Luís Freitas de Jesus (2011) a procura pela justiça findava por vezes sendo um instrumento de sujeitos pobres livres contra seus iguais, enquanto os senhores com maior influência muitas vezes acabavam resolvendo suas questões no âmbito privativo.

Tensões e conflitos cotidianos em pequenas propriedades envolvendo mulheres pobres no crato

Os processos judiciais enquanto fonte para a pesquisa histórica tem se mostrado importantíssimas, pois nelas podemos ter acesso a detalhes que outras fontes não nos permitem com tantas nuances. Mesmo tendo em vista que o processo em si não é uma realidade, ali não encontraremos o evento tal qual aconteceu, mas resquícios das relações sociais que em muito nos auxiliam a entender a aspectos da pesquisa. Para Arlette Farge

O arquivo nasce da desordem, por menor que seja; arranca da obscuridade longas listas de seres ofegantes, desarticulados, intimados a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

se explicarem perante a justiça. Mendigos, desocupados, dolentes, ladras ou sedutores agressivos emergem um dia da multidão compacta, fígados pelo poder que os perseguiu em meio à sua agitação habitual, ou porque estavam onde não deviam, ou porque eles próprios decidiram transgredir e chamar atenção, ou talvez ser nomeados enfim diante do poder. Os fragmentos de vida que jazem ali são breves, mas mesmo assim impressionam: espremidos em poucas palavras que os definem e a violência que, de uma hora para outra os fizeram existir para nós, eles preenchem registros e documentos com a sua presença. (2017, p.31)

Portanto, cabe elucidar que as fontes que vamos utilizar na sequência se tratam desses conflitos, do choque com o poder que “de uma hora para outra fizeram existir para nós”. Entendemos que poderíamos sim ter acesso a esse tipo de acontecimento em um jornal etc, mas o processos-crime para tratar dos sujeitos comuns nos apresenta uma maior riqueza de detalhes e informações, mas de forma alguma estamos aqui querendo pregar uma ‘superioridade’ deste tipo de fonte, apenas consideramos mais apropriada e rica em detalhes para analisarmos os pequenos desvios da ordem, os minúsculos conflitos do cotidiano como o caso que passaremos a analisar.

De acordo com o historiador Hugo Eduardo Cavalcante a região do cariri no século XIX teve sua natureza foi apropriada de diferentes maneiras, seja pelos intelectuais que publicavam nos jornais, pelo discurso político ou pelos viajantes” (Cavalcante, p.20. 2022).

Apropriada que fora no nível do discurso por diferentes sujeitos e com interesses múltiplos, a região se tornou campo de disputa além do simbólico imaginário desses que a descreviam, havia também as pequenas disputas, mais conflituosas e no nível material; eram as que envolviam as pequenas propriedades, como no caso do roçado de Luzia Maria da Conceição, que teve sua roça destruída por porcos pertencentes à Viancia de Mello. Um tio de Viancia, chamado Joaquim acabou produzindo lesões em Luzia Maria em decorrência da querela envolvendo a sua roça. No auto de inquirição Luzia Maria disse;

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Que desconfiava ter-se dado isto porque este tinha destruído sua roça por uns porcos de Viancia De Mello, sobrinha do ofensor Joaquim, e ela por muitas vezes se queixava e não era atendida, e que já vinha sido se queixar, digo, vindo pedir ao tenente Jesuino para resolver e ele prometeu-lhe que faria, porem viancia de tal não queria conversa alguma.(...) Disse mais que no dia do facto, estando trabalhando em sua caza, quando viu Joaquim de Tal passando com facão em punho a caza de Viancia de Mello e ela respondente desconfiando de alguma cousa fechou sua porta e marcha para uma janela para ver se o via, quando recebeu uma cutilada nos dedos abriu-se mais ferimentos constam do corpo de declito. (FHP, BR, CEDOCC, LC, p.4. Caixa 3, pasta 33, 1895) (grifos meus)

A lesão corporal de que Luzia Maria fora vítima estava diretamente ligada a uma pequena propriedade semoventes (porcos) de Viancia de Mello, que eram porcos. A partir disso é interessante pensar em como as propriedades poderia gerar situações conflituosas no cotidiano, que acabava envolvendo outras pessoas, como no caso supra, onde um tio de uma das partes se envolveu e virou réu no processo. A ameaça fora feita com antecedência e uma autoridade policial já estava a par do conflito prévio em decorrência da destruição da roça. Viancia, que tinha animais de criação, já tinha certa relação de inimizade com a Luzia. Da forma que a vítima expos em seu depoimento teria sido proposital que Joaquim botou os porcos para comer sua plantação. Dito isso, podemos pensar na forma de “ataque” a pequena propriedade de Luzia como forma de afetá-la antes mesmo da violência que fora vítima após ter sua roça destruída.

Para além disto temos também que dar uma certa atenção as pessoas que entram como testemunhas e que, no decorrer do caso vão dando suas versões e nos apresentado espaços e pessoas em seus depoimentos. O que era cultivado por Luzia não ficou explicitado ao longo do processo, porém como se trata de um pequeno roçado podemos intuir que possa ser para agricultura de subsistência, dado que esse tipo de agricultura era comum na região, embora em determinado período a pratica não fosse bem quista, como aponta Darlan Reis de Oliveira Júnior

A verdade é que tentavam desqualificar os hábitos de trabalho da população rural no Cariri, que eram baseados na agricultura de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

subsistência, em pequenas posses quando possível, pois o fato concreto é que os homens livres pobres preferiam essa condição a ter que trabalhar como alugados, por jornada, ou como agregados, vivendo de “favor” nas terras dos senhores (REIS, JR, 2016, p. 354)

O autor aponta como a classe senhorial do cariri desqualificava a prática da agricultura de subsistência por ser um ato que iria prejudicar diretamente a classe senhorial uma vez que essa queria subordinar a força de trabalhos desses sujeitos nas suas grandes propriedades, os explorando e etc., Para Reis (2016, 114), com relação a classe senhorial (...)ter o controle efetivo sobre a terra era um dos aspectos que poderia garantir a subordinação das pessoas que vivenciavam a condição de pobreza e que não tinham acesso àquele tipo de bem”. Portanto, a cultura de pequenos roçados de subsistência apesar de nem sempre vistos positivamente existiam e geravam conflitos diversos, desde o “prejuízo” que a classe senhorial alegava sofrer como os conflitos do cotidiano como no caso de Luzia. Unido ao fato de Joaquim de tal ter sido pago para agredir Luzia provavelmente este o fizera por já não gostar da mulher e também por ter dívidas com ela, como apontado por ela;

Que há muito tempo o ofensor não gosta dela respondente por causa de uma dívida que lhe devia, disse mais que em uma ocasião, encontrando ele na feira desta cidade, ela respondente, cobrara, e ele respondeu que naquela ocasião não tinha, porem no seguinte ele ofensor viera na casa d’ela perguntar quanto lhe devia, ela respondente disse que ele sabia quanto era, e, ele lhe respondeu com desdém. (FHP, BR, CEDOCC, LC, p.4. Caixa 3, pasta 33, 1895) (grifos meus)

Luzia deixa explicito em seu depoimento inicial que o seu agressor já rondava sua presença nos espaços públicos a insultando, tanto a ela como a um rapaz que trabalhava com ela, chegando inclusive a agredir verbalmente o rapaz – o processo não foi encontrado- possivelmente o dessa agressão verbal não chegou a justiça como o caso de Luzia, mas é mencionado em todos os seus depoimentos, pois ele acusava-o de estar se aproveitando de uma “mulher viúva” como forma de desdém tanto para ela com para “implicar” e procurar confusão junto a eles. É importante observar como o estado civil dela é colocado como forma de desdém

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

em mais de uma ocasião antes do crime de lesão corporal, pois ele se dirigiu a ela com desdém com relação a isso e ao rapaz que trabalhava com ela. Podemos perceber que se trata de uma mulher pobre por diversos elementos que o processo nos apresenta. O primeiro deles é que ela plantava para seu próprio consumo em quintal aberto em sua residência- que não ficou claro se era alugado ou não-, mas o fato é que era um roçado onde ela usava para se alimentar. Em segundo lugar porque ela não trabalhava da venda do que era plantado e sim em outro local e com outro ofício. Caso ela fosse uma mulher que tivesse posses e grandes extensões de terras não precisaria de um outro emprego, certamente. As mulheres pobres segundo Miridan Falci eram facilmente encontradas na cidade;

As pobres livres, lavadeiras, as doceiras, as costureiras e rendeiras - tão conhecidas nas cantigas do Nordeste -, as apanhadeiras de água nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras, todas essas temos mais dificuldade em conhecer: nenhum bem deixaram após a morte e seus filhos não abriram inventário, nada escreveram ou falaram de seus anseios, medos, angústias, pois eram analfabetas e tiveram, no seu dia-a-dia de trabalho, de lutar pela sobrevivência. Se sonharam, para poder sobreviver, não podemos saber (FALCI, 1997, p.241-242).

Luiza maria trabalhava na feira, assim como as citadas por Falci e, fazia parte, portanto, de uma das inúmeras atividades desempenhadas por mulheres pobres no cotidiano das cidades, fossem elas grandes centros urbanos ou não o labor dessas mulheres estiveram ali, quase que de forma invisível, pois o papel da mulher segundo os idealistas que se referiam as mulheres abastadas era o âmbito privado, ignorando as mulheres pobres que sempre estiveram inseridas no mundo do trabalho.

Ademais podemos pensar também na questão da violência sofrida por ela, Luzia era viúva e morava sozinha, fato esse que também foi tratado com desdém por parte de Joaquim ao procurar o rapaz que trabalhava com ela, percebe-se, portanto, como a vida das mulheres sempre estiveram em situação vulnerável, seja pela presença de um marido que possa ser violento- como em alguns casos- ou até

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

na ausência deste a violência ocorre por outros. Ser mulher pobre sozinha no cariri cearense da segunda metade do século XIX apresenta um certo perigo, pois ser mulher em uma sociedade machista por si só já é perigoso. No tocante aos ideais de feminilidade para as mulheres o periódico também apresentava suas recomendações, fosse para solteira, casada e etc, há sempre algo que oriente a conduta feminina, como deve se portar, o que deve vestir, com quem andar, o que fazer e o que não fazer. Em uma matéria do jornal O Araripe, ao falar sobre papel das mulheres temos que:

Coração de mulher deve ser como a andorinha, **que é boa e que se aninha sob o tecto domestico**- Mas ao mesmo tempo não deve ser como a andorinha que foge ao primeiro sopro do inverno. Coração de mulher deve ser como uma folhinha: **deve ter em si todos os dignos celestes** – Mas ao mesmo tempo não deve ser como uma folhinha, que tem dia por dia um nome a festejar (O Araripe 1855, p. 4). (Grifos meus)

Diante do trecho percebe-se o quanto poderia ser regulado-pelo menos na tentativa- o comportamento e a vida das mulheres de uma forma geral. Deve ser como a andorinha que aninha o teto doméstico, mas apenas na parte que convém que fosse como tal, pois como colocado na matéria não deve sair no inverno para alçar voo para longe, mantendo-se, portanto, no ambiente doméstico a que lhe é “adequado”. Porém sabemos que em muito isso se aplica apenas uma parte das mulheres, a ficar em casa e seguir essas recomendações porque, seja como for, as mulheres pobres livres precisavam ir para às ruas, feiras e etc. para trabalhar para sobreviver. Com isso, o que apontamos a respeito desse tipo de discurso é que ele pode até ter tido pretensão de atingir as mulheres da classe trabalhadora, mas em linhas gerais esses conselhos não são condizentes com a sua realidade, embora se esperassem que elas também o seguissem e escutassem. No mesmo periódico ainda podemos destacar uma outra matéria que trata sobre mulheres assassinas, mesmo que não tenha se dado o fato na região do Cariri, ocorrera no Estado com o qual faz a região faz divisa, Pernambuco;

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Já não se contentaõ as nossas mulheres seguindo o exemplo das antepassadas, em surrarem, arranharem com o ferro de enogmar às escravas; ellas vão hoje mais longe- convertem-se em assassinas! Durante o mez passado, vejamos o que de algumas temos a registrar: Em um dos lugares de Pernambuco, uma môça donzela- assassina com **CIUMES, á sua escrava, e arranca-lhe do ventre duas creancinhas!!!** Em outro lugar da capitania, duas irmaas casadas, uma Conceição; e outra, Sacramento, ambas com filhos, - amarraõ a um póste uma escrava da mãe, surraõ n'a e a assassinaõ queimando a!!! (O Araripe, 1857, p.4) (grifos meus)

Muitas são as questões que devem ser levantadas a partir do trecho da matéria, mas vamos dar destaque apenas a algumas. Em primeiro lugar nota-se que a preocupação não parece ser com a questão da existência da violência, que ocorreu de mulheres livres e possuidoras de escravizadas contra essas últimas. E isso fica evidente quando é posto que não se “contentam como suas antepassadas” em ferir sem assassinar, naturalizando a violência – como de fato o era em relação aos escravizados à época- a preocupação no crime de assassinato, mais parece, podemos supor, com a preocupação da perda da propriedade que certamente causaria prejuízo, pois se o articulista apresentasse repúdio a violência o teria feito desde o início da matéria não tentando vangloriar um passado onde as mulheres possuidoras de escravas se contentavam em apenas violentá-las, isso porque as surras citadas poderiam dar a chance de sobreviver e se permanecer com o escravizado. Outro aspecto é o da motivação, que em letras maiúsculas denota, ao nosso ver, a questão do descontrole em razão de ciúmes, embora não fique claro sobre o que ou quem ocorrera esse ciúme. Poderia ser por diversos motivos, o qual não podemos afirmar, pois não fica claro na matéria. Poderia ter sido ciúme amoroso, ciúme pelo fato da gravidez e do controle sobre a própria escravizada, enfim o ciúme teria sido a causa, mas não podemos saber de que ou quem.

E por último podemos refletir acerca da própria condição das mulheres envolvidas nesses casos, não são violências e querelas envolvendo mulheres em uma mesma condição, pois a primeira era “dona” da escravizada que matou, então tem-se

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

nessa situação uma mulher livre que tira a vida de outra mulher que era sua propriedade pela condição da escravização.

Da mesma forma o caso das duas irmãs que incendiaram a escravizada, eram duas mulheres livres – embora não possamos afirmar que sejam de muitas posses- contra uma escravizada de sua mãe. Nisso podemos pensar em como a situação das mulheres pode variar de acordo com fatores envoltos a sua condição.

Considerações finais

A essa altura deste trabalho que está em sua fase inicial enfatizamos que muito há ainda a se investigar a respeito das mulheres pobres livres no sertão do cariri na segunda metade do século XIX. Assim como sobre os discursos no que tange aos pobres e da pobreza na imprensa deste mesmo período. Como dito inicialmente essa é uma pesquisa que se encontra em andamento, portanto o resultado aqui apresentado é parcial, mas algumas questões já nos saltam aos olhos e inquietam nossas reflexões. O que podemos atestar até o presente momento é que as mulheres pobres do Cariri viveram em condições que as expuseram a violência, como a sofrida por Luzia, mas que também existiam mulheres que não eram vítimas, como a Viancia, proprietária dos porcos de criação que deu origem a mutilação dos dedos de Luzia ao incentivar seu tio a cometer a agressão, pois essa fora encomendada por Viancia, assim como no caso das mulheres que mataram as escravizadas. Em resumo, atestamos de certo que muito há ainda a ser investigado sobre esses cotidianos que envolviam propriedades e violências.

FONTES

Cento de Documentação do Cariri- CEDOCC

FHP, BR, CEDOCC, Lesão Corporal, Caixa 3, pasta 33, 1895

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Disponíveis na Hemeroteca Digital em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213306&pesq=ricardo&pagfis=374>.

- O Araripe 1855.

-O Araripe,1857.

- O Araripe, 1857, edição 96.

-O Araripe,1856.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. Capítulos de **História Social dos Sertões**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

CAVALCANTE, Hugo Eduardo. **ENTRE CERCAS, ROÇAS E ANIMAIS: NATUREZA EM DISPUTA** (CARIRI/CE, 1850-1880). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará- UFC. 2022.

REIS JR. Darlan de O. **Senhores e trabalhadores no Cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. Tese de doutorado em História Social, UFC, 2014.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 1-683.

JESUS, Allyson Luiz Freitas de. **Cotidiano e poder nas relações sociais escravistas e pós escravidão: O sertão das Minas entre 1850 e 1915**. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

MORAES, Antônio Carlos Robert. **O Sertão**: Um “outro” geográfico. Terra Brasilis, v. n. 4- 5, p.1-8, 1 jan. 2003. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>. Acesso em: 22 de setembro de 2024

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998

PERROT, M. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiras. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SOIHET, R. **Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano**. In: PRIORE, M. D. (org.). História das Mulheres no Brasil. 2 ed. São Paulo, 1997.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade